

ESTÉTICA DO ATROZ, MEMÓRIA E ACONTECIMENTO NO ROMANCE “DÍPTICO DA FRONTEIRA”: uma caracterização semiótica do trauma dos deslocados pela violência política colombiana

AESTHETICS OF THE ATROCIOUS, MEMORY AND EVENT IN THE NOVEL “DIPTYCH OF THE FRONTIER”: A semiotic characterization of the trauma of those displaced by colombian political violence

Luiza Helena Oliveira da Silva
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS/BRASIL

José Antonio Romero Corzo
UNIVERSIDAD DE LOS ANDES/VENEZUELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS/BRASIL

Resumo:

Conforme aponta Desiderio Blanco (2017, p. 11, tradução nossa), a semiótica tensiva proposta por Zilberberg incorpora elementos na análise de textos literários que não tinham lugar no modelo da “narratividade generalizada”, como o mundo do sensível, do afeto, dos estados de alma, ao lado dos estados de coisas e do corpo como lugar da sensibilidade. É por isso que achamos pertinente abordar uma análise do romance “Díptico da fronteira” do escritor venezuelano Luis Mora Ballesteros (2020), levando em conta como elemento determinante de seu discurso o acontecimento traumático causado pela violência política colombiana, que obrigou a milhares de cidadãos, durante mais de quarenta décadas, a se deslocarem para o eixo fronteiro colombiano-venezuelano, com destaque de alguns dos rasgos que o definem como um romance de testemunho a partir de seu caráter memorialista e pós-memorialista. Sublinhando também os elementos da estética do atroz nele presentes.

Palavras-chave: violência política; trauma; memória; acontecimento; estética do atroz.

Resumen:

Según señala Desiderio Blanco (2017, p. 11), la semiótica tensiva propuesta por Zilberberg incorpora elementos en el análisis de textos literarios que no tenían cabida en el modelo de la “narratividad generalizada”, como el mundo de lo sensible, del afecto, de los estados de alma, junto los estados de cosas y del cuerpo como lugar de la sensibilidad. Es por eso que consideramos pertinente abordar un análisis de la novela “Díptico de la frontera” del escritor venezolano Luis Mora Ballesteros (2020), tomando en cuenta, como elemento determinante de su discurso, el acontecimiento traumático causado por la violencia política colombiana que obligó a millares de ciudadanos, durante más de cuarenta décadas, a trasladarse al eje fronterizo colombo-venezolano. En el análisis también destacamos algunos de los rasgos que la definen como una novela de testimonio a partir de su carácter memorialista y postmemorialista. Subrayando, igualmente, los elementos de la estética de lo atroz presentes en ella.

Palabras claves: violencia política; trauma; memória; acontecimiento; estética de lo atroz.

Abstract:

As Desiderio Blanco points out (2017, p. 11, our translation), the tensive semiotics proposed by Zilberberg incorporates elements in the analysis of literary texts that had no place in the model of “generalized narrativity”, such as the world of the sensitive, affection, states of soul, alongside states of things and the body as a place of sensitivity. That is why we think it is pertinent to approach an analysis of the novel “Diptych of the frontier” by Venezuelan writer Luis Mora-Ballesteros (2020), taking into account as a determining element of his discourse the traumatic event caused by Colombian political violence, which forced thousands of citizens, for more than forty decades, to move to the Colombian-Venezuelan border axis, highlighting some of the tears that define it as a novel of testimony from its memorialist and post-memorialist character. Also underlining the aesthetic elements of the atrocious present in it.

Keywords: political violence; trauma; memory; event; aesthetics of the atrocious.

Introdução

Quanto da atrocidade revelada no desaparecimento dos outros dominados descrita no livro, não foi encenada também em outros países latino-americanos durante governos militares, despóticos e autoritários, cujas consequências na memória social ainda estão a ser reveladas?

Marco Eduardo Murueta¹

A desumanização, estigmatização ou proscricção do outro como inimigo da sociedade, por meio da construção de uma imagem pública negativa, busca justificar sua morte, perseguição, tortura, detenção ou desaparecimento.

¹ Tradução nossa: Edgar MURETA. “Presentación” em: BARRERO, E. De los pájaros azules a las águilas negras. Estética de lo atroz. Psicohistoria de la Violencia política en Colombia. Bogotá Corporación Cátedra Libre Ignacio Martín-Baró\Asociación Latinoamericana para la Formación y la Enseñanza de la Psicología/ALFEPSI, 2011.

Nessesentido, as elites colombianas conseguiram legitimar coletivamente, de maneira muito inteligente, a ideia de que “quem pensa diferente ou se opõe ao regime deve ser eliminado com violência”.

Grupo de Memória M²

[Na] experiência da dor; [...] o mundo parece [...] concentrar-se inteiramente nos limites do próprio corpo na forma de uma presença invasiva, a do mal que reina supremo para nos atormentar, uma presença que é tanto mais difícil de suportar como ela parece privada de significado.

Erick Landowski³

No presente artigo almejamos refletir, de maneira especial desde a semiótica tensiva zilberbergiana sobre o trauma causado pela violência política na Colômbia. Especificamente no período que abrange os anos 80 do século 20 até a primeira década do século atual. E como é que a mesma tem sido abordada como uma estética do atroz no romance testemunhal *Díptico da Fronteira*, do escritor venezuelano Luis Mora Ballesteros (2020). Sublinhando também seu caráter memorialista e pós-memorialista.

Sobre o romance acima referido, em geral, poder-se-ia dizer que tem sido feito pelo seu autor com equilíbrio certo, além de uma linguagem rítmica e elegante, onde expõe um quadro narrativo cruciante em que crônica e ficção fundem-se com sucesso. Lê-lo nos mergulha num universo transfronteiriço escuro, onde o contrabando, a ilegalidade e o crime imperam. Informa-nos desse jeito do que acontece numa cidade remota onde não existe o paraíso ou o mar. Conta-nos como milhares de colombianos entraram em municípios fronteiriços do lado venezuelano, percorrendo rios e montanhas para fugir do conflito armado no final da década de 1980. E como os venezuelanos – e os descendentes de colombiano-venezuelanos – deixaram seu país em um esforço por conquistar um lugar para eles mesmos e para sua família na Colômbia, assim como fizeram seus parentes, décadas antes, ao cruzar as fronteiras desses países vizinhos, sofrendo o flagelo do êxodo forçado e carregando suas ausências e memórias.

Antes de ser publicado, este primeiro romance do autor já foi premiado ao serem escolhido, entre os possíveis para sua próxima edição, em dois concursos internacionais. E ficou entre os cinco finalistas do I Concurso de Novelas de Denúncia Social “Martín Fierro”, realizado na Espanha em 2019, no qual participaram 324 romances.

De seu autor podemos dizer que ele é além professor de espanhol e literatura, pesquisador e consultor editorial. Atualmente trabalha como professor de Literatura Espanhola e Latino-americana em The City University of New York e na Monmouth University, em Nova Jersey (EUA). Doutor em Literatura pela Universidade Simón Bolívar e Mestre em Literatura Latino-Americana e Caribenha pela Universidade de Los Andes (Venezuela). Ensinou língua e literatura na Venezuela e espanhol como língua estrangeira na Costa Rica. É co-autor do *Dicionário da Escola Básica Saber* (2016), e foi editor adjunto do periódico *Contexto*, uma revista de estudos literários da Universidade de Los Andes, na Venezuela. Sua linha de pesquisa aborda o estudo da ficção distópica da América Central e do Sul no século XXI.

2 O grupo encontra-se integrado pelas pesquisadoras colombianas Claudia Girón Ortiz, Marcela Ceballos Medina, Yolanda Rodríguez Rincón, Angélica María Nieto García, Jeimy Lorena Luengas y Lilliana Andrea Silva Bello.

3 Erick LANDOWSKI. “Trés regímenes de sentido y de interacción”. Em *Tópicos del Seminario*, n. 14, julio-diciembre, 2005.

“Díptico da fronteira”: um memorial do trauma causado pela violência política colombiana

No romance *Díptico da Fronteira*, do escritor venezuelano Luis Mora Ballesteros, vemos como, desde seu preâmbulo, a memória do trauma que ocorreu a numerosas famílias colombianas deslocadas para o eixo da fronteira colombiano-venezuelana durante os últimos 40 anos, encontra-se bosquejada como programa narrativo no fragmento a seguir:

Este é um momento improvável; aquele em que afetos e memórias se espalharam por toda a costa caribenha colombiana. Acontece também que a histeria reina em Catatumbo e quem chega à Venezuela parece ter cruzado o mundo: narram o mesmo horror e descrevem as mesmas horas sombrias. Eles embarcaram em uma jornada em direção à felicidade sempre desejada; aquela porta que só pode ser alcançada passando pela dor e evitando perdas. (MORA, 2020, p.19, tradução nossa).

Consideramos que a partir desse segmento narrativo inicial podemos supor, como fez Joël Candau, que a memória é, “antes de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, ao invés de uma reconstituição fiel dele” (CANDAU, 2016, p. 9). O mesmo autor considera que na reapropriação do passado familiar “cada indivíduo lança-se mobilizando as funções de revitalização e reflexividade. Essa reapropriação é sempre específica e o significado que ela dá aos eventos familiares memorizados é irredutivelmente singular, idiossincrático” (CANDAU, 2016, p. 141).

Assim, a reapropriação do passado permite ao indivíduo elaborar e refazer sua própria história, realizando também o “aprendizado da alteridade” (CANDAU, 2016, p. 141). Embora Candau se refira especificamente à memória de uma genealogia, ou de uma família, isso também se aplica à memória social. Porque a memória individual, familiar e social pode ser entendida mutuamente.

Por isso, acreditamos que o caso de *Díptico da Fronteira* é especialmente sobre as memórias dos descendentes que, segundo Marianne Hirsch referida por Ribeiro (2018), corresponde propriamente à pós-memória. Isto é, à memória recebida pela geração subsequente, da qual testemunha o trauma coletivo. E supomos que é assim, porque o autor do romance indicado é, a nosso entender, um dos descendentes de famílias deslocadas pela violência dos anos 1980. E, como tal, relembra as vivências do trauma histórico dos seus antecessores. Levando em consideração que os descendentes se lembram” [das experiências] apenas por meio das histórias, imagens e comportamentos com os quais cresceram. Pois essas experiências foram transmitidas a eles de forma tão profunda e afetiva que parecem constituir suas próprias memórias. (HIRSCH, 2008, p. 106-107, apud RIBEIRO, 2018, p.551).

Além disso, “*Díptico da Fronteira*” é um romance de denúncia e testemunho como o qual o escritor venezuelano Luis Mora Ballesteros estreia como romancista em 2020. O texto, como o próprio nome indica, desenvolve na tensividade do seu discurso o trauma gerado pela violência política colombiana, por meio dos fenômenos de caráter dinâmico, gradual e contínuo no nível discursivo e em seu programa narrativo distribuído em duas peças. A primeira delas, identificada com o nome de “*Terra Má*”, faz referência

intertextual a uma canção popular colombiana dos anos 1980, pertencente ao gênero musical Vallenato. Embora também ofereça, já no próprio átrio do romance, profundas conotações simbólicas memorialistas e pós-memorialistas, como uma isotopia disfórica, isto é, da catástrofe humanitária que se testemunha em seu desenvolvimento posterior:

Esta não é uma história verdadeira. Esta é a crônica de uma viagem imaginária pelos municípios do eixo colombiano-venezuelano tão longínquos, tão afastados geograficamente da Bogotá e da Caracas, que muitas vezes nos faz pensar que estão permeados por uma cartografia fugidia e difusa. Um homem está no encalço de alguns soldados desaparecidos que podem levá-lo a entender o que aconteceu durante aqueles dias em que o Binômio de Ouro [uma agrupação popular de música vallenata] estava em turnê pela Venezuela. Ou saber o que aconteceu naqueles outros anos, quando um comandante se levantou e a paz que reinava foi perdida para sempre. Aparentemente, tudo o que se fala em Terra Má é verdade, porém nada do que se narra aqui é exato. Pode-se dizer que esta ficção narra a agitação de alguns avós, pais e tios que viajaram de longe para povoar aldeias no sopé dos Andes e hoje seus filhos, netos e sobrinhos fazem o caminho de volta para casa. Mas se fosse isso que eles queriam contar, talvez não valesse a pena escrevê-lo (MORA, 2020, p. 12, tradução nossa).

A segunda peça que compõe o Díptico tem o nome de “Terra Alheia” e compreende, em resumo, o depoimento do chefe da terrível gangue dos Anões, um adolescente chamado de Tato, assim como o testemunho de uma mulher deslocada da Colômbia chamada Mary, que na verdade, tinha o nome esquecido por ela de Ana Edilia, o qual vai ser recuperado graças a uma laboriosa pesquisa feita pelo filho dela. E com seu nome verdadeiro também ela recupera seu passado e sua família colombiana. Do mesmo jeito, a segunda peça contém o relato arrepiante sobre um professor de língua e literatura que age desde a clandestinidade colaborando com grupos criminosos da região. Também ali parece por fim ficar despejada a incógnita, mantida desde a primeira peça, sobre a verdadeira identidade do comandante Ciro, mercenário das forças paramilitares que aterrorizam os povoadores da fronteira.

Para uma definição e caracterização da estética do atroz

O conceito de estética do atroz, assumido por nós, foi desenvolvido pelo psicólogo colombiano Edgar Barrero Cuellar, em seu livro *Dos pássaros azuis às águias pretas. Estética do atroz. Psicohistória da Violência Política na Colômbia*, publicado em 2011. Segundo as autoras do prólogo do referido livro, o que define especificamente a estética do atroz é “um gosto socialmente aceito e difundido como padrão coletivo na frente a eliminação do outro, como expressão clara da negação da diferença” (GIRÓN et al, 2011, p. 20, tradução nossa). Esse gosto surge, principalmente, como resultado da polarização ideológica da sociedade. Barrero (2011, p. 69, tradução nossa) aponta a esse respeito que,

Uma das formas de manifestação da estética do atroz como expressão suprema da polarização social tem a ver com um sentimento de beleza interna por sentir que se está colaborando com processos de *limpeza social* [grifos nossos]. Esse sentimento se configura socialmente graças ao uso sistemático de imagens e sons por meio dos quais é criada uma massa de seres demonizados que não só

merecem ser destruídos pelo mal que fazem à sociedade, mas impõe a sua aniquilação como imperativo categórico.

Se o atroz “é uma perversão, é um sentimento de prazer onde a dor deve ser sentida naturalmente” (ARENDETT, 2001, p. 26, tradução nossa), então uma estética do atroz é caracterizada por: a) uma homogeneização do outro, que b) é percebido como adverso ou oposto (inimigo); que, em virtude disso c) perde sua identidade de indivíduo único; d) ao ceder à sua desumanização ou objetivação como vítima; e) como resultado da ausência de empatia por ele, f) de modo que o outro é demonizado para proceder à sua aniquilação.

Como aponta Barrero (2011), cada vez que o inimigo é desfigurado, estabelece-se no imaginário social um sentimento de cooperação com quem desenha e realiza operações de “limpeza social”. É, segundo o referido autor, um sentimento de beleza interna que “atinge a sua máxima expressão quando os níveis de desumanização dos adversários se exacerbam até o ponto de se tornar um sentimento sublime que serve de referência moral para justificar as ações de atrocidade ou crueldade contra os outros” (p.69, tradução nossa). No romance *Díptico da fronteira* podemos observar isso no texto a seguir:

No caminho para o motel, li um aviso breve na nota: “Eles têm 24 horas para sair da cidade ou terão que enfrentar as consequências”. Vim ontem. A regra faz supor que o prazo expire hoje, ao meio-dia. É assinado pelo Comandante Ciro e vem acompanhado de um logotipo que traz duas águias e dois rifles pretos cruzados. Essa operação faz parte da chamada profilaxia social ou limpeza, segundo o texto. Chego ao motel e analiso reportagens de jornais separadas que incluem dados sobre eventos semelhantes que ainda estão “sendo investigados”. Alguém me segue e já é meio-dia. No entanto, ninguém viu ou ouviu nada. Não sabem. Essas são as respostas que se repetem em cada um dos questionários e em cada uma das entrevistas que analiso. Como se fosse um espectro que vagueia pelas ruas cobrando dívidas antigas, a morte vagueia por aqui e move a sua foice. Tudo indica que aparentemente ela fará um show aqui, nos quartos, bares e bilhar desta cidade abandonada. Oitenta e cinco convidados estão na lista esta noite. (MORA, 2020, p. 69, tradução nossa).

Seguindo Burke em sua definição do sublime, advertimos que Barrero (2011) afirma que “o terror deleitável” inerente ao sublime, acaba se instalando deliberadamente na subjetividade coletiva, por meio de operações de manipulação cognitivo-emocional, “a partir dos dispositivos de controle psicossocial possuídos pelas elites políticas, econômicas e militares” (p. 70, tradução nossa). Isto também podemos perceber na citação seguinte do romance:

Ciro, apareceu novamente na rádio depois das onze horas da noite e recomendou aos aldeões que ficassem em suas casas ou esperassem no templo pelo tempo de limpeza. “Nada acontece aqui. A operação foi um sucesso. A justiça e a paz reinam no município a partir de agora”, afirmou. O comandante falou, e como se fosse uma cena de um faroeste estrelado por John Wayne, ele narrou que um bando de sete ladrões foi assassinado e seus corpos encravados nas estacas e marcos que delimitam o terreno da fazenda El Paraíso com o matadouro industrial. Acontece que o relógio bateu onze horas e havia menos gente viva. Ninguém acredita que a guarda ou o exército farão alguma coisa. Neste fim de semana, houve sessenta e duas mortes, poderia ter sido mais. Eles vão passar na lista para riscar os ausentes. Não sei quem é o Comandante Ciro. Não conheço, não sei quem ele é. Eu não ouvi nada. Todos a quem questiono me dizem: “Quem é o Comandante Ciro?” (MORA, 2020, p. 84, tradução nossa).

Barrero (2011), da mesma forma, aponta que essa configuração subjetiva manifesta-se em dois polos opostos com seus respectivos níveis de intermediação: de um lado, estão aqueles que agem como perpetradores com o correspondente gosto ou prazer em realizar ações bélicas ou de confronto armado contra outros seres humanos. Enquanto, do outro lado, estão aqueles que são vítimas diretas, indiretas ou potenciais, que desenvolvem mecanismos de proteção como a) guardar silêncio, b) mentir, c) fazer com que não tenham visto nada, d) desviar o olhar por outro lado, e) esconder, f) fugir, g) até colaborar em operações de “limpeza social”, como o genocídio é eufemisticamente denominado. “No meio desses dois polos estariam aqueles que assumem a postura ética pela *verdade, justiça e reparação* e pelas soluções políticas negociadas para os conflitos (BARRERO, 2011, p. 71, tradução e grifos nossos).

Convém agora explicar com maior profundidade o contexto sócio-histórico e político da violência em que surge a estética do atroz na Colômbia, a fim de estabelecer o quadro referencial relevante para refletir sobre o romance *Díptico da Fronteira*, do escritor venezuelano Luis Mora Ballesteros.

Contexto sócio-histórico e político da violência que dá origem na Colômbia à estética do atroz

Como aponta o pesquisador colombiano Óscar Osorio (2020), durante a violência política dos anos cinquenta e sessenta, os dirigentes da Colômbia decretaram, nos acordos da Frente Nacional, um esquecimento vergonhoso em torno dos acontecimentos de que eles próprios eram os principais responsáveis. E é justamente nesse silêncio da historiografia oficial que o autor assume que estão as bases da violência sofrida até hoje pelo povo colombiano.

Podemos referir ainda que a violência das últimas cinco décadas, com a sua permanência em quase todo o território nacional, com uma capacidade de destruição e decomposição institucional e social sem precedentes, está ligada à economia do tráfico de droga. É, portanto, “uma violência multifacetada”, na qual vários atores armados estão emaranhados num terrível pandemônio; a saber:

1 - Os guerrilheiros formados pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e o Exército de Libertação Nacional (ELN), que surgiram no final da violência dos anos cinquenta do século passado e que enfrentam o Estado há mais de cinco décadas;

2 - traficantes de drogas que, com intensidade específica nas décadas de oitenta e noventa, desafiaram o Estado e desenvolveram um confronto sangrento, que se deu com exércitos de pistoleiros e com ataques terroristas contra instituições do Estado e contra a população desamparada;

3 - grupos paramilitares de ultradireita, conhecidos como Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC), que se consolidaram no final da década de oitenta do século XX, presumivelmente para ‘proteger’ os proprietários de terras das exações da guerrilha e à sociedade de suas violentas operações. Que, finalmente, se converteram em tropas sanguinárias que deslocaram mais de três milhões de camponeses para as cidades e a

fronteira colombiano-venezuelana. E, como se isso não bastasse, mantiveram para si mesmos suas propriedades;

4 - da mesma forma, surgiram nos últimos anos as chamadas gangues criminosas BACRIM, produto de um desenfreado progresso criminoso proveniente da mistura de paramilitares e narcotraficantes, e que constituem um terrível azorrague para a segurança e a tranquilidade dos colombianos.

5 - Além disso, há anos entra em cena uma multiplicidade de criminosos que operam em pequenas quadrilhas e são capazes de assassinar um cidadão por roubar um par de sapatos ou um telefone celular. Alguns desses atores desenvolveram uma violência particularmente sangrenta, que inclui massacres de comunidades desprotegidas, tortura, mutilação, esfolação, desmembramento e desaparecimento de pessoas, semeando um terror de intensidade perturbadora.

6 - A tudo isso, deve-se acrescentar que setores das Forças Armadas do Estado desenvolveram práticas como o assassinato de inocentes em execuções extrajudiciais, para fazê-los passar por criminosos e assim obter indenizações e reconhecimentos;

7 - Alguns setores dessas forças armadas e da polícia têm colaborado com grupos armados ilegais no desenvolvimento de massacres em comunidades inteiras, e que há forte corrupção nessas instituições estatais. Portanto, podemos perceber por que os esforços dos vários governos para combater os atores armados ilegais não tiveram o sucesso esperado, apesar dos enormes recursos financeiros alocados para esse fim.

8 - A isso devemos acrescentar também a corrupção do judiciário e da classe política;

9 - a permissividade e conivência de diferentes setores da sociedade com essas práticas criminosas;

10 - o fato de que em cada região um ator violento se torna voluntariamente o dono e senhor de vidas e propriedades. Assim, em alguns territórios os guerrilheiros predominam; enquanto que em outros, mandam os paramilitares; enquanto, em outros ainda, traficantes de drogas; e, por fim em outros, as BACRIM. Em suma, Osorio (2020, s. p., tradução nossa) aponta que,

em vastos setores da geografia nacional, esses atores se misturam, se associam, se mutam ou se confrontam e, em todos os casos, as vítimas são a grande maioria de colombianos inocentes submetidos a fenômenos que nem mesmo compreendem. O resultado dessa promiscuidade e persistência da violência é um tecido social deteriorado. Nesse inferno, passam a vida de milhões de crianças, que são roubadas por atores violentos do direito de viver no paraíso da infância e se acostumaram à violência que elas próprias reproduzem.

No romance “Díptico da fronteira” todos esses elementos descritos acima podem ser identificados. Por exemplo: as referências 1) aos guerrilheiros das FARC e do ELN 2) junto a outros grupos armados que também agem na fronteira colombiano-venezuelana no período compreendido pelo relato, que abrange os anos oitenta do século passado até a primeira década do presente:

Em El Paraíso, duas mulheres perderam a vida afogadas no cano e a mais nova das filhas de José Venâncio Duque foi envenenada com herbicida. Hoje o rio amanheceu marrom-avermelhado e a fila de trabalhadores e ordenhadores na fazenda é mais longa do que nunca. Marina Hoyos tem voltado à Colômbia após

desaparecimento do segundo de seus filhos, de quem percorre o boato que serviu em uma frente de guerrilha na fronteira há mais de um ano, e o anúncio de que um comandante está subindo nas proximidades força a que muitos trabalhadores dos poucos que sobraram peguem suas pertences, enquanto operários e curadores voltam para casa. Há muito boato e pouca certeza em tudo o que se comenta entre fazendeiros, produtores, administradores, sócios e proprietários. Ouve-se dizer que já em Zulia extorquiram a Pirela. Que invadiram a fábrica de queijo dos Bracho. Que a fazenda La Carolina foi ocupada por um grupo de pessoas. Que aqueles que chegam [...] aos falsos e aos portões parecem hostes que caminham em massa, cantando canções e gritando slogans (MORA, 2020, p. 55, tradução nossa).

Do mesmo jeito achamos como na seguinte citação o romance refere-se às AUC:

O que ninguém conseguiu perceber é que aquelas semanas de júbilo, aqueles dias de promessas de créditos agrícolas e viagens imaginadas graças à semeadura e às colheitas, não passaram de uma ligeira anistia de uma guerra que, a meu ver ousou adivinhar por seus olhos tristes e olhares de esguelha, eles não perguntaram; é um confronto entre os irregulares e os desmobilizados das AUC – Autodefesas Unidas da Colômbia – de que não têm a menor falta. Ninguém percebeu que trezentos homens armados tomariam a cidade e as aldeias vizinhas (MORA, 2020, pp. 100-101, tradução nossa).

O que podemos acrescentar ao já dito? A citação do mesmo romance a seguir mostra a complexidade da situação:

Não há mar aqui e aquelas almas que fogem da guerra cruzaram os rios. Elesos passam em uma curiara ou apinhados em uma jangada. Continuarão a caminhar e, ao cruzar o caminho, a procura tornar-se-á rigorosa: “Este! Isso não!” Isso é o que você ouviu dizer de alguém do outro lado da fronteira. Também se ouviu que quase todos são do litoral ou do Norte de Santander; poucos da Alta Guajira. Muitos vêm e não todos conseguem cruzar. Os sortudos pisarão a beira do lado venezuelano e depois correrão arrastando pertences e caixas por atalhos e caminhos desconhecidos. Os guajiros fogem da fome e da seca que assola a península. É famigerado ouvir que há muito tempo não chove, o que impede o plantio e deixa dezenas de milhares de pessoas com sede e doenças. Os outros temem as explosões e estilhaços que assolam casas em Ocaña, San Calixto ou Sardinata. Neste extremo leste da Colômbia, confrontos entre grupos armados pelo controle da coca, do carvão e da agroindústria da palma deslocaram centenas de camponeses que antes estavam engajados na lavoura tradicional. Aqui chove e a alegria no rosto dos filhos dos Carrascal está longe de ver sapos pular e ouvir as rãs coaxar. Amanhã domingo, uma nova família cuidará da fábrica de queijos e os netos de Paolini conhecerão sua nova babá, Marina Hoyos. Novos braços empilharão o café e novas forças farão girar a roda do engenho. As outras mãos serão as que apertarão o úbere e os outros dedos os que seguirão o ritmo cadenciado da primeira ordenha. (MORA, 2020, pp. 33-34, tradução nossa).

Por tudo o que foi apontado acima, consideramos que o romance assinalado sobre o trauma causado pelos deslocamentos violentos da população camponesa colombiana, que fugia apavorada da perseguição de grupos armados até a fronteira colombiano-venezuelana, desde a década de 1950 do século passado, constitui um fato de grande importância histórica, política e literária. E pensamos que é, ainda mais, da maior relevância, especialmente em momentos como o atual, quando podemos olhar um ressurgimento do fascismo com suas políticas genocidas no continente, como fica evidenciado pelo reposicionamento da extrema direita conservadora nos escalões superiores do poder político em vários países latino-americanos.

O trauma histórico da violência colombiana no romance de testemunho

Conforme indicam as investigações realizadas por diferentes pesquisadores sobre a violência armada na Colômbia, embora tenha persistido ao longo da história daquele país,

A barbárie de suas práticas tem se acentuado nos últimos cinquenta anos, passando por uma dinâmica extrema de desumanização que transfere as atrocidades praticadas de forma oculta sobre o corpo das vítimas mutiladas em estado de total indefesa, às atrocidades perpetradas publicamente onde a destruição e fragmentação das redes sociais onde subjetividades alternativas se constituem por meio da criminalização do protesto social e dos processos organizacionais de resistência da sociedade civil (GIRÓN, et al., 2011, pp. 25-26, tradução nossa).

Para dar uma prova documental dessa situação, podemos observar que, na Colômbia, foram produzidos dezenas de romances cujo tema central é a violência política. E isso se deve principalmente ao fato desse país ter passado, segundo Óscar Osorio, “por três cenários de violência generalizada, que deixaram milhões de vítimas e marcaram várias gerações de colombianos” (OSORIO, 2016, p.113, tradução nossa). O referido autor indica o seguinte:

Desde o século XIX tivemos três períodos de violência generalizada: as guerras civis da segunda metade do século XIX, a violência política de meados do século XX e a violência atual, que não diminuiu desde os anos setenta do século passado. Embora entre um e outro desses períodos tenham ocorrido anos de tranquilidade ou as expressões de violência que sobreviveram ficaram restritas a certas regiões, os colombianos (e esta parece ser uma percepção compartilhada pelo resto do mundo sobre nós) têm a ideia de que a violência não foi interrompida desde o século XIX, que a violência sempre foi a mesma, que somos um país essencialmente violento. No entanto, uma análise da violência na Colômbia nos permite concluir que a violência desses períodos é diferente, que, embora tenham vasos comunicantes, são expressões de diferentes realidades sócio-políticas e que a violência não é uma condição da sociedade colombiana (OSORIO, 2020, s. p., tradução nossa).

Consequentemente, ao examinar a produção romanesca sobre o tema mencionado, podemos observar que, o segundo dos cenários apontados por Osorio (2016) estabelece uma tradição entendida como “novelística” sobre a Violência ocorrida entre os anos cinquenta e sessenta na Colômbia, que inclui, como indicamos anteriormente, cerca de cem obras. Em todas elas,

o fato histórico prevalece sobre o fato literário. São textos testemunhais e ou de denúncia, nos quais o imediatismo dos acontecimentos, a dor recente ou a raiva viva e a urgência do depoimento embaçam a intenção literária. Os personagens são afogados pela necessidade de denúncia e os romancistas concentram neles toda a dor e ignomínia, são como um cadinho no qual o escritor esvazia todas as aberrações e injustiças da violência. Alguns desses escritores entram na literatura apenas uma vez para deixar aquele testemunho de sua experiência (OSORIO, 2016, p.105, tradução nossa).

Assim, como também ocorre com boa parte da produção romanesca sobre a violência política em países do Cone Sul, podemos encontrar na vinda da Colômbia durante

o referido período, de forma geral, “uma subordinação de interesses artísticos. à força avassaladora das realidades sangrentas que testemunha ou denuncia” (OSORIO, 2016, p. 113, tradução nossa).

Como já foi notado por Osorio (2016), o resultado da predominância da história em detrimento da literatura, para não mencionar a falta de descolamento dos autores dos livros da primeira ninhada das obras correspondentes ao referido segundo cenário indicado acima, produziu na Colômbia uma literatura em que as deficiências estético-literárias são, aliás, evidentes. Este é um dos motivos pelos quais acreditamos que a crítica literária colombiana dos anos 50, 60 e 70 menosprezou o romance testemunhal naquele país, estigmatizando-o em sua avaliação como má literatura. E, infelizmente, esse preconceito estético acadêmico se desdobrou a toda a narrativa colombiana da violência.

Porém, já em pleno século XXI, a tarefa que reivindicaram os pesquisadores e críticos do romance testemunhal colombiano foi revisitar, repensar e reavaliar a produção literária do gênero. E é por isso que podemos apreciar como o romance *Viento seco* do escritor Daniel Caicedo, publicado em 1953, constitui um dos marcos fundamentais dessa tradição literária. Ao mesmo tempo, estabelece um dos antecedentes do gênero de testemunho e denúncia na América Latina, como precedente claro para o romance *Díptico da Fronteira*, do autor venezuelano Luis Mora Ballesteros.

Com efeito, *Viento seco* é, talvez, segundo Osorio (2016, tradução nossa), o mais importante e o mais conhecido dos primeiros romances colombianos do gênero testemunhal na América Latina e no Caribe. O romance narra os acontecimentos ocorridos em outubro de 1949, quando o governo fascista implementou o projeto de proselitismo na cordilheira ocidental do Valle del Cauca. O mesmo foi um projeto necropolítico, organizado por setores radicais do Partido Conservador, com base em uma estratégia partidária, cujo propósito genocida consistia em impor, com força das armas, uma hegemonia conservadora na tentativa de homogeneizar politicamente as populações daquela cordilheira.

Podemos observar assim como o romance *Viento Seco* foca, de forma concreta, dois eventos transcendentais na história política colombiana, como a campanha de extermínio que resultou no massacre da Casa Liberal em Cali e o sangrento massacre no Ceilão. A isso se soma a ação das gangues liberais do norte do Valle del Cauca, bem como a evocação do projeto guerrilheiro das Planícies Orientais. Uma amostra representativa dessas ações violentas pode ser encontrada no seguinte extrato de *Viento seco*.

“O Chamon”, um chulavita preto púrpureo como a ave que lhe dera o nome, defecada na boca de um moribundo. “O Esquartejador” mandou algemar Jorge López, o pequeno chefe liberal da aldeia, que cutucou com uma faca afiada de açougueiro. Os gritos lhe deram satisfação. Ele o torturou por muito tempo, com destreza incomparável. Ele cortou os dedos das mãos e dos pés, mutilou o nariz e as orelhas, extraiu a língua, lhe tirou os olhos e, em tiras, fatiou gordura, músculos e nervos, retirou a pele. Ele o deixou em sua agonia de sangue para alcançar uma mulher correndo a quem ele se contentou em cortar seus seios e dividir seu sexo. E entre as contrações da morte, ele a possuiu (CAICEDO, 1954, p. 54-55, tradução nossa).

Por sua vez, Barrero (2011, p. 112), a respeito desses massacres sangrentos, destaca que,

o gosto pela mutilação e dilaceração do outro chegou ao limite do uso de dispositivos de esquatejamento como a motosserra, como foi reconhecido em inúmeras ocasiões por alguns comandantes da estrutura paramilitar colombiana. Essa metodologia atroz tornou-se conhecida mundialmente com o massacre de Trujillo, Valle, onde mais de cem pessoas foram mortas e desmembradas com uma serra elétrica, começando pelo Padre Tibério, que era o pároco da cidade.

Agora, sobre o romance “Díptico da Fronteira”, olhamos que, por sua natureza testemunhal, como foi indicado acima, ele é atribuído a essa tradição literária do romance de violência colombiana, já que relembra alguns dos acontecimentos motivados pela violência política dos anos 1980, até a primeira década do século vinte e um, cujas repercussões transcenderam as fronteiras binacionais. Trata-se, portanto, de um texto em que seu autor constrói o enredo a partir da memória dos sobreviventes deslocados para o eixo fronteiro colombiano-venezuelano, que inclui os departamentos colombianos de La Guajira, Norte de Santander e El Arauca, assim como os estados de Apure, Zulia e Táchira do lado venezuelano.

O trauma histórico da violência política colombiana como acontecimento semiótico

Consideramos que, chegando a este ponto, é pertinente e necessário fazer aqui uma explicação dos elementos teóricos da semiótica tensiva zilberbergiana, como subsídios para a análise do trauma causado pela violência política gerada na Colômbia, cujo registro semiótico pode ser descrito no campo da tensão discursiva presente no romance Díptico da Fronteira.

A este respeito devemos assinalar, em primeiro lugar, que Greimas (2002, p. 25) em sua obra *Da imperfeição*, concebe a apreensão estética como uma fratura em que o sujeito se depara com um acontecimento extraordinário que, por seu caráter pontual e imprevisível, provoca uma suspensão da passagem do tempo, petrificando também o espaço; estabelecendo assim uma fusão entre o sujeito observador e o objeto observado. Claude Zilberberg (2007), desenvolvendo as noções sugeridas por Greimas, elabora o conceito de acontecimento, na mesma perspectiva. Este semioticista francês, ao explicar a categoria apontada, pensa nela em oposição ao fato. É assim que ele elucida a relação de oposição entre acontecimento e fato:

[...] o fato tem por correlato intenso o acontecimento, o que equivale dizer: o fato é o resultado do enfraquecimento das valências paroxísticas de andamento e de tonicidade que são as marcas do acontecimento. Em outras palavras, o acontecimento é o correlato hiperbólico do fato, do mesmo modo que o fato se inscreve como diminutivo do acontecimento. Este último é raro, tão raro quanto importante, pois aquele que afirma sua importância eminente do ponto de vista intensivo afirma, de forma tácita ou explícita, sua unicidade do ponto de vista extensivo, ao passo que o fato é numeroso. É como se a transição, ou seja, o “caminho” que liga o fato ao acontecimento, se apresentasse como uma divisão da carga tímica (no fato) que, no acontecimento, está concentrada. (ZILBERBERG, 2007, p. 16).

O explicado na citação anterior significa que, quando a carga tímica é de baixa intensidade, nos deparamos com o fato, como acontece com mais frequência na cotidianidade, no dia a dia. Devemos esclarecer aqui que, em concordância com Denis Bertrand(2003, p.431), a timia inclui uma disposição afetiva que “determina a relação que um corpo sensível mantém com seu meio”. Quando essa relação é positiva, é considerada eufórica. Embora será considerada disfórica quando é negativa.

Temos, portanto, que, segundo essa teoria, o devir do acontecimento como algo corriqueiro (ou seja, da vida cotidiana) retarda o andamento, enquanto a tonicidade não se acentua na valência *da intensidade*. Enquanto, na valência *da extensidade*, a temporalidade se prolonga e a espacialidade se abre, o que corresponderia à “divisão da carga tímica” a que alude Zilberberg. Portanto, quando *a carga tímica* das “valências de tração” aumenta (o que é bastante incomum), temos *o acontecimento*; isto é, o andamento é acelerado na valência de *intensidade*, e a tonicidade é tônica (acentuada), acompanhada por uma temporalidade momentânea em um espaço fechado na valência de *extensidade*, equivalente à concentração da valência de *carga tímica*, como observamos na citação referenciada acima. No romance *Díptico da fronteira* o *acontecimento* tem a ver principalmente com a violência que produziu os deslocamentos transfronteiriços de cidadãos colombianos e cujo espaço tensivo ficou nele estabelecido por exemplo assim:

É a noite de um sábado de maio de 1987 e amanhã domingo chegam do lado colombiano cerca de trinta homens e meia dúzia de mulheres com crianças. Eles viajam um em cima do outro. É uma multidão que corre em debandada, que foge apavorada; um amontoado de pessoas que se esquivam de minas e se escapam de balas à noite. Um desfile de almas que atravessa as águas dos rios Tarra, Grita, Guarumito e Táchira na escuridão, para vir aqui, de onde à bocada noite se avista o relâmpago do Catatumbo e a inundação dos rios Carira, Jabillo e Escalante impede a transferência da carga e dificulta a passagem dos animais... (MORA, 2020, p. 31, tradução nossa).

No romance também observamos que o andamento no espaço tensivo ficou conformado em um olhar disfórico do sujeito no nível discursivo, já que a paisagem quanto os guardas da fronteira se amostram hostis demais, e, na verdade, são poucos os deslocados que conseguem passar ao outro lado:

Não há mar aqui e aquelas almas que fogem da guerra cruzaram os rios. Elesos passam em uma curiara ou apinhados em uma jangada. Continuarão a caminhar e, ao cruzar o caminho, a procura tornar-se-á rigorosa: «Este! Isso não!» Isso é o que você ouve dizer de alguém do outro lado da fronteira. Também se ouve que quase todos são do litoral ou do Norte de Santander; poucos da Alta Guajira. Muitos vêm e não todos conseguem cruzar. Os sortudos pisarão a beira do lado venezuelano e depois correrão arrastando pertences e caixas por atalhos e caminhos desconhecidos. Os guajiros fogem da fome e da seca que assola a península. É famigerado ouvir que há muito tempo não chove, o que impede o plantio e deixa dezenas de milhares de pessoas com sede e doenças. Os outros temem as explosões e estilhaços que assolam casas em Ocaña, San Calixto ou Sardinata. Neste extremo leste da Colômbia, confrontos entre grupos armados pelo controle da coca, do carvão e da agroindústria da palma deslocaram centenas de camponeses que antes estavam engajados na lavoura tradicional. Aqui chove e se vê distante a alegria nos rostos dos filhos dos Carrascal por ver saltar os sapos e ouvir às rãs coaxar. Amanhã domingo, uma nova família cuidará da fábrica de queijos e os netos de Paolini conhecerão suanova

babá, Marina Hoyos. Novos braços empilharão o café e novas forças farão girar a roda do engenho. As outras mãos serão as que apertarão o úbere e os outros dedos os que seguirão o ritmo cadenciado da primeira ordenha. (MORA, 2020, pp. 33-34, tradução nossa).

Consideramos pertinente apontar também que o andamento, ou seja, o movimento com sua velocidade ou lentidão, segundo a perspectiva de Zilberberg, “regula a duração de uma correlação inversa, pois a velocidade, para o homem, encurta o tempo de fazer: Quanto maior seja a velocidade, menor será a duração – manifestando-se apenas como efeito peculiar de extrema lentidão” (ZILBERBERG, 2006, p.171). No “Díptico da fronteira” o andamento se encaixa com a dinâmica da movimentação célere descrita no texto:

Poucas pessoas aqui sabem que quem vem da Colômbia viajou quilômetros. São crianças, mulheres e homens que não renunciam à vida, que se escondem como animais perdidos para evitar serem presas de predadores. Seus rostos e ombros são bronzeados pelo sol. Sua pele foi quebrada pelo vento do mar. Alguns foram pela floresta. Outros vasculharam a planície. Para todos, uma tristeza os envolve e uma saudade de anos os embargará para sempre. Amanhã, primeiro domingo de maio, quando na fazenda passarem lista e distribuírem números, uma enorme massa de mãos e pés marchará do outro lado da fronteira tentando fugir do horror e das bombas para deixar em seu rastro suas famílias e povos desertos, onde a morte vagueia, agitando sua foice. Outros abandonarão lotes e chácaras evitando esbarrar nos cadáveres que deixaram nas cabeceiras e que vão desembocar na foz dos rios Catatumbo, Tarra e Tibú após a marcha de fuzis e máscaras de esquí. Antes, bem cedo pela manhã, quantidades imprecisas de mercadorias vindas de locais próximos a um porto sem litoral, do Norte de Santander, buscarão abrigo e compras deste lado. É sábado: anoitece em Puerto Santander e, na fazenda, John Jairo adormece entre soluços, tentando afastar uma nuvem de mosquitos que picavam seus pés e zumbiam em volta de seu pescoço e costas (MORA, 2020, p. 34).

Devemos indicar que, no relativo à tonicidade, ela está relacionada à espacialidade, fundamentalmente no que diz respeito à profundidade, visto que, numa correlação de conversão, quanto mais amplo o campo de implantação da tonicidade, isso é mais forte (ZILBERBERG, 2006, p.171). E nós podemos olhar que isto fica claro também na citação anterior.

Zilberberg (2011, p. 164-165), do mesmo modo, afirma que a reflexão sobre o acontecimento é anterior à linguística e à semiótica. Já pode ser encontrada nos estudos filosóficos de Descartes sobre a admiração. Tais estudos permitem ao autor destacar a importância do distanciamento (ou intervalo) entre o esperado, que seria o foco e seu objeto, e o inesperado, ou seja, a apreensão e seu objeto. Nessa perspectiva, ele opõe admiração à percepção. Zilberberg considera a primeira como “uma intensidade repentina e superior da aquilo que sobrevém que é inerente ao objeto acontecimento. A admiração, por se relacionar ao sofrimento, penetra no espaço tensivo e instala a percepção como seu correlato, “acentuado ou desacentuado” (ZILBERBERG, 2011, p. 165). No romance “Díptico da fronteira” podemos indicar como se estabelece esta acentuação na citação a seguir:

Espero que tudo isso que eu investigue sirva e consiga terminar pelo menos uma série que quero fazer como uma crônica ficcional para minha coluna cujo protagonista principal não é meu outro eu transfigurado, mas muitos dos milhares de homens e mulheres que vieram de longe arrastando caixas e narrações pelos afluentes dos rios e pelos caminhos das estradas e se fundiram com nossos pais e avós e hoje seus filhos, netos e sobrinhos voltam à Colômbia.

bia em busca de uma casa que não existe e da qual só há escombros e paredes quebradas, após a marcha dos soldados e os estilhaços dos fuzis que pranteavam comunidades inteiras de Machuca e San Calixto; fazendas e aldeias em cujas casas ainda esperam os filhos voltarem da escola para almoçar; casas para as quais eles não voltarão porque a detonação de uma bomba ou de um oleoduto explodiu uma ponte suspensa sobre um rio ou transformou uma escola ou igreja em ruínas e seus cadáveres navegaram pelas margens e águas e foram para a praia e outras crianças tão novas como eles os pegaram pelos braços, giraram seus corpos inchados e contemplaram com pavor seus olhos violetas e então inocentemente pegaram os lápis e lancheiras de suas mochilas e os colocaram ao lado de seus caixões para aqueles que os colocaram um X próximo aos números atribuídos de uma ordem correlativa ascendente estrita realizada pelos governantes da cidade. (MORA, 2020, pp. 159-160, tradução nossa).

Aliás, temos que dizer que a percepção está unida ao agir. Assim, ao contrário do Estado – que resulta da resolução do sincretismo intensivo e extensivo projetado pelo discurso – o acontecimento se constitui como a figura do inesperado e, portanto, não pode ser antecipado. É, assim, “algo afetante, perturbador, que suspende momentaneamente o curso do tempo” (ZILBERBERG, 2011, p. 169). No entanto, não se pode evitar que o tempo volte a seu curso, e é assim que o acontecimento esmaece de modo que é potencializado (ou virtualizado), tornando-se legível e inteligível (ZILBERBERG, 2011, p. 169).

Segundo Zilberberg (2007, p. 16), a configuração do acontecimento, assim como a configuração do exercício (ou rotina), não ocorre apenas na concentração ou divisão da carga tímica do sujeito, pois a relação entre o sujeito e seu campo de presença, ou seja, o lugar onde agem as grandezas tensivas, mediada por modos semióticos. Na semiótica, o conceito de modo é introduzido nos estudos do acontecimento para esclarecer e resolver o sincretismo existencial entre fato e acontecimento; e também para determinar o “precipitado de sentido que constitui, coletiva e individualmente, o acontecimento” (ZILBERBERG, 2007, p. 16).

Zilberberg (2012, p. 4) em seu artigo “Le libertinagem comme forme de vie”, confirma a asseveração de que os modos constituem o sentido no acontecimento, ao afirmar que os modos semióticos apontam para a relação do sujeito com o que o avizinha, ou seja, com o campo de presença. Nessa relação, ora o sujeito exerce controle sobre o campo de presença, ora dele escapa. Servindo de mediação entre o esquema e o discurso, esses modos são divididos em modos de *eficiência*, modos de *existência* e modos de *junção* (união), para explicar a relação do sujeito com seu ambiente.

Assim, dependendo da natureza dos modos semióticos, o evento implica simultaneamente “o sobrevir para o modo de eficiência; a apreensão para o modo de existência; a concessão para o modo de junção” (ZILBERBERG, 2007, p. 24). O conseguir ou chegar a, como modo de eficiência, o foco, como modo de existência e a implicação, como modo de junção (união), complementam-se na constituição do exercício (ou rotina), termo mais próximo do *agir*, conforme Zilberberg (2007, p. 24-25).

Os modos de eficiência arquitetam a forma como as grandezas de *intensidade* e de *extensidade* penetram no campo de presença do sujeito sob as condições do tempo. Existe uma oposição entre *o sobrevir* e *o conseguir*. *O sobrevir* é entendido como a negação do *pervir*, ou seja, a *aceitação* do inesperado, que é *o acontecimento*. Porém, quando o sujeito requisita a instalação das grandezas tensivas no campo de presença, tem-se *o conseguir* (ou *o chegar a*).

Tanto *o sobrevir* quanto o *conseguir* são governados pelas subvalências do andamento e da temporalidade, sendo o andamento acelerado o responsável pelo *sobrevir*. Tendo em vista a extensão temporal, o *conseguir* corresponde ao *agir* e à *paciência* (ZILBERBERG, 2007, p. 18-21) e o *sobrevir* nas palavras de Zilberberg (2007, p. 19) corresponde à “a brevidade, a do sofrer, que o inesperado, precipitadamente, impõe ao sujeito”. Assim, com *o sobrevir* as competências do sujeito são instantânea e devastadoramente ultrapassadas pelo tempo, enquanto a lentidão do *conseguir* respeita os limites do tempo que o sujeito reconhece (ZILBERBERG, 2012, p. 4).

Quanto aos modos de existência, o semioticista francês afirma que têm a função de estender “as consequências subjetivas abertas pelo modo de eficiência” (ZILBERBERG, 2012, p. 5). Segundo Zilberberg (2012, p. 5), *a surpresa*, determinada pela modalidade do *sobrevir*, embaralha o jogo do antes e do depois, permitindo a apreensão do sujeito passivo, “espectador de seu próprio conflito”. O sujeito se encontra em uma situação para a qual não está preparado, atualizado, pois não espera pela surpresa.

Na apreensão, está também presente a exclamação, associada às valências de tempo e de tonicidade, instalada no campo de presença do sujeito, bem como *o sobrevir*. O *conseguir* se manifesta pelo *foco* e *a espera*. Esta encontra-se sob o controle do tempo assim como o modo de eficiência. Ela se manifesta pela *paciência* e pela *impaciência*, que não são medidas pela execução de um programa de junção. Nas palavras do semioticista francês, “o sujeito paciente julga a velocidade razoável e suportável, enquanto o impaciente a considera insuportável” (ZILBERBERG, 2012, p. 5).

Assim, como apontou Zilberberg (2007, p. 21-23), os modos de existência, que dependem apenas dos modos de eficiência, fazem parte da focalização e da *apreensão*. A focalização caracteriza o sujeito operador, que visa algo e, portanto, ela “se inscreve como mediação entre atualização e realização” do sujeito. Por contra a *apreensão* caracteriza “o estado do sujeito de estado”, pasmado com algo que lhe aconteceu, o que corresponde ao estado de potencialização do sujeito. No romance *Díptico da fronteira* é isto o que se pode olhar, por exemplo, na constituição do trauma de personagens como o Tato, um adolescente chefe da gangue dos Anões que faz seu depoimento ao jornalista Juan Ángel Villamediana nos termos seguintes:

– A morte, a morte tira-lhe à gente lombo, tira-lhe dente, dizem –. Tato respondeu, franzindo a boca e erguendo a sobrelha esquerda. – Olha, pertode aqui, ali –. Ele se levantou e caminhou em minha direção e parou bem ao meu lado, indicando uma casinhola que podia ser enxergada à distância. – Lá, a cerca de quatrocentos metros de onde está aquela árvore de chuva, mataram meu pai com facões –, declarou o comandante sem pestanejar. – Minhas irmãs foram levadas por homens. Ainda estou procurando por elas. Eu tinha seis anos quando isso aconteceu. Um dos rapazes que acompanhava o assassino do meu pai cortou a garganta da minha mãe e minha velha sangrou até a morte em cima de mim e manchou muito minhas roupas. Tiraram meu braço direito, olhe para mim. Eles me deixaram vivo, cometeram esse erro –, acrescentou Tato, mostrando o coto pendurado no ombro. – Passei duas ou três semanas sozinho, na cloaca do casinhoto, onde me meteram aqueles filhos da puta até que um gajo de posto me encontrou e me tirou coberto de merda. A merda me impediu de morrer. A merda me salvou. Fiquei dias sem falar, disseram, mal me lembro. Eu só vejo em minha mente o homem batendo em meu pai e minha mãe com facões, sangue jorrando de seu pescoço acima de mim. Não me lembro muito bem de minhas duas irmãs mais velhas do que eu. Há noites que as imagino e me pergunto onde

ou com quem elas estão. Há noites em que choro, mas não deixo meus irmãos me verem. (MORA, 2020, pp. 128-129, tradução nossa).

Cumpra ainda destacar que Greimas e Courtés (2011, p. 279), em seu Dicionário de Semiótica, descrevem o termo *junção* como “a relação que vincula o sujeito ao objeto, ou seja, a função constitutiva dos enunciados do Estado”. Essa relação a que eles fazem referência pode ser de conjunção, disjunção, não conjunção e não disjunção, em correspondência com o quadrado semiótico. Assim, articulados de acordo com a implicação vs. concessão, podemos observar que, “o modo de junção formula as consequências objetivas da autoridade do modo de eficiência. O modo de junção aborda a práxis discursiva como uma modificação do conteúdo do campo da presença, que ocorre de forma abrupta, brutal, no caso do evento, ou em progressão, ou seja, insensivelmente, no caso do exercício” ZILBERBERG, 2017, p. 30, tradução nossa).

Na perspectiva da semiótica tensiva, “o termo refere-se à condição de coesão pela qual um dado, sistemático ou não, é afirmado” (ZILBERBERG, 2007, p. 23). Para que essa coesão se estabeleça, as formas de união solicitam *a implicação* e *a concessão funcionais*. Na *implicação*, há um suporte mútuo entre a lei e o fato, que é representado pelo “porque”, e corresponde à proposição implicativa “se a, então b”. Na *concessão*, há uma discrepância entre a lei e o fato, representada pelo “apesar do fato de que”, pelo “embora” e pelo “porém”, correspondendo à proposição “embora a, porém, não b” (ZILBERBERG, 2007, p. 23). De maneira que,

A tensão própria à sintaxe juntiva opõe a concessão à implicação. Como categoria, a concessão é emprestada à linguística que considera como expressão de uma “causalidade inoperante”, ou seja, que o sujeito constata que a causa que solicita não produz a consequência esperada. A esse título, a concessão é uma das vias de acesso à semiótica do acontecimento (ZILBERBERG, 2012, p. 8).

Ao mesmo tempo, o acontecimento é a essência do sistema que compõe o modo quando “concebido como acontecimento, isto é, como a realização do inatingível”. Esse sistema “[...] leva em conta a modalidade implicativa do realizável. Por sua vez, o acontecimento dá como certa a modalidade concessiva que instaura um dado programa como irrealizável e um contraprograma que, no entanto, levou a cabo sua realização: “não era possível fazer isso e, no entanto, ele o fez!””. (ZILBERBERG, 2011, p. 176-177).

Dito com outras palavras, podemos supor que, “Inesperado, inoportuno, o evento engloba a concessão. Em princípio, o evento é uma ilha perdida no oceano com as implicações usuais, e afeta fundamentalmente processos, muito mais do que estados de coisas” (ZILBERBERG, 2017, p. 31, tradução nossa). Levando-se em conta, para tanto, a relação (tensa ou não) entre o que é de direito e de fato, Zilberberg (2012, p. 5-6) conclui que a grandeza do *sobrevir* não forma parte da *espera* do sujeito. Na *espera*, a relação no campo da presença é *a implicação*. No inesperado, é *a concessão*. Assim, as declarações implicativas são consideradas normais, ordinárias (átonas). Levando em conta também que as *declarações concessivas* são *tônicas*. Razão pela qual, na *concessão*, o que realmente acontece prevalece sobre o que deveria ter acontecido (como era esperado que acontecesse). O acontecimento que muda a vida da Mary no romance “Díptico da fronteira” exemplifica muito bem o conceito de concessão:

A história que estou carregando comigo é sobre Mary. Ela é uma mulher que em breve terá 70 anos. Seu cabelo perolado ainda retém a força de seus fios e os sacos de seus olhos parecem revelar uma saudade de séculos. O arco em suas sobrancelhas povoadas se franze quando ele abaixa o olhar e a vergonha cora suas bochechas ao emitir um suspiro choramingando e, em seguida, continuando a contar em frases curtas a dor que lhe arrasta daquela época em que, acima de um caminhão de batata, ela viajou pelo sudoeste colombiano do Arauca e chegou ao povoado de Tame para depois pôr o pés na Venezuela, aquela terra alheia à qual seus irmãos haviam viajado anos antes; de quem faz 40 anos ela não tinha ideia de onde estavam ou se estavam vivos ou mortos.

Mary esqueceu por muito tempo a maior parte desses detalhes e não enrola com precisão sua história. Ela reitera inúmeras vezes que seu caso tem muito a ver com a perda de seu primeiro filho, que ela não vê há 27 anos. Seu Elkin decidiu partir para sempre por medo de ser espancado até a morte em qualquer um dos espancamentos de que foi vítima ou por medo de passar o resto de seus dias no centro de detenção juvenil, caso tivesse ousado matar seu padrasto, Arbonio Contreras, que era o único que infligia aquela dor horrível. Mary ainda não se lembrou de que se chamava Ana Edilia. Menos do que, na verdade, ela tem dois anos abaixo do figurado nos listados em sua carteira de identidade venezuelana, que obteve com dificuldade após 21 anos de residência legal na Venezuela. Desde que o mais novo de seus filhos atingiu essa idade e com sua fé de vida ela deu provas de que havia permanecido todo esse tempo em território venezuelano. Mary também não se lembrou de que sua data de nascimento é 16 de abril e não março. Ela sempre se manteve fiel a uma versão que julga conveniente contar quando é questionada sobre sua família (MORA, 2020, pp. 145-146, tradução nossa).

Assim, podemos enxergar que as declarações do depoimento da Mary a seu filho (MORA, 2020, pp. 146-149), “a quem ela narra a que chama de sua verdade” são, a nosso olhar, declarações concessivas; razão pela qual a nosso entender esse episódio é tônico.

A sintaxe do evento

Zilberberg (2011, p. 169-171), neste ponto, assevera que é necessário verificar a dinâmica intensiva de tempo e tonicidade e a ampla dinâmica de temporalidade e espacialidade produzida pelo evento no espaço tensivo. Na tensividade, segundo o autor, o tempo e a tonicidade agem ao mesmo tempo e repentinamente, causando desorientação modal no sujeito e falta de atitude (o que psicologicamente é entendido como trauma ou choque). Um exemplo disso o podemos olhar no seguinte segmento:

– Sargento, você não sabe o que aconteceu. Eu cheguei lá e peguei a velha. – E o que aconteceu? – O sargento perguntou de seu escritório. – Cheguei e as crianças estavam chorando, – disse Carlitos, elevando a voz. – Acontece que quando Dona Matilde ergueu a tampa da panela para dar um prato de sopa aos rapazes, ela nem imaginou que iria colher os dedos e os olhos de Ramón com a concha. Disseram a dona Matilde que iam esperá-lo. Que trouxeram uma costela e que iam colocar na panela. Um deles até brincava com uma das crianças, enquanto o outro jogava a cabeça e os dedos do Ovo Frito na sopa. (MORA, 2020, p. 76, tradução nossa).

A tonicidade atinge o sujeito completamente de tal forma que o acontecimento, quando assim denominado, “absorve toda a ação e neste momento deixa o sujeito atônito, apenas o sofrer” (ZILBERBERG, 2011, p. 171, grifo do autor). Na extensividade, a temporalidade é “fulminada, aniquilada” e sua recomposição “está condicionada

à desaceleração e à atonização, ou seja, ao retorno àquela atitude que o evento momentaneamente suspendeu” (ZILBERBERG, 2011, p. 171). O sujeito deseja controlar e dominar *a duração para*, segundo sua vontade, nas palavras de Zilberberg (2011, p. 171), “alongar o curto ou abreviar o longo”. Na espacialidade, não existe mais a medida do aberto e do fechado, pois a medida está ausente do campo de presença para manter apenas o fechado. Assim, o sujeito fica paralisado, horrorizado, como se seu ambiente deixasse de existir (ZILBERBERG, 2011, p. 172). Um exemplo do explicado podemos o achar no texto a seguir:

Sáimos, já não podíamos estar mais em “O país das mulheres” com medo de que lançassem um foguete ou sei lá o quê e se fôssemos despedaçados. Agora estamos perto da Catedral de São Pedro e acontece que é cedo e o saldo de mortos já é de quarenta. É a noite de um sábado de glória e está calor. A igreja reúne seus fiéis ao lado do túmulo. Eles aguardam zelosamente a vitória do Filho do Pai sobre a morte. Lá dentro eles não sabem que a delegacia está sitiada. Menos, conseguem ouvir as rajadas que, a uns seis quarteirões de distância, atingem o corpo do Juvêncio, o vendedor de chicha. No templo, os fiéis oram e se benzem. Faltam quinze minutos para as dez da noite e Marcelino me disse que os seis detidos nos calabouços foram massacrados um a um por quatro homens que se moviam em motocicletas de alto deslocamento. Os soldados Delgado e Ochoa faleceram por golpe de graça. As vísceras do Cabo Martínez vão alimentar os urubus que lutam contra o lixo. (MORA, 2020, p. 82, tradução nossa).

Nas palavras de Zilberberg (2011, p. 174), o acontecimento tem uma “valência intensiva complexa e compõe um andamento extremo, o da instantaneidade, e uma tonicidade superior, sempre difícil de formular”, visto que é vivenciada. Por isso, é associada aos modos de existência. Desse modo, embora o que sobrevém não possa ser atualizado, pode “ser lembrado enquanto permanecer vívida a subvalência de tonicidade” (ZILBERBERG, 2011, p. 174).

Além disso, olhamos também que semanticamente, o produto do tempo (andamento) e da tonicidade, na opinião do pesquisador, “seria a força que precipita o acontecimento no discurso” (ZILBERBERG, 2011, p. 175), entendendo como andamento a velocidade de penetração, que é composta pela velocidade de desagregação e pela velocidade de apassivação, ao mesmo tempo em que a tonicidade é metaforicamente representada pelo lexema choque – lexema comum na maneira de falar contemporânea e que configura a virtualização do estereótipo que geralmente o acompanha (ZILBERBERG, 2011, p. 175). Então, no acontecimento,

[...]o sujeito se vê em conjunção com um sobrevir que transtorna e por vezes suprime a duração e a espacialidade. [...] O sobrevir do acontecimento vem anular a própria textura do tempo, isto é, a “virtude” potencializante da temporalidade. [...] O acontecimento, na qualidade de grandeza tensiva, deve ser apreendido como uma inversão das valências respectivas do sensível e do inteligível. Marcado por um andamento rápido demais para o sujeito, o acontecimento leva o sensível à incandescência e o inteligível à nulidade. (ZILBERBERG, 2011, p. 189-190).

Assim, a temporalidade só recupera a memória suspensa pelo acontecimento por meio de um contraprograma específico da desaceleração, desenvolvido pelo discurso na medida em que restaura sua historicidade (ZILBERBERG, 2011, p. 189-190), ou seja, quando se torna exercício. Nesse sentido, como diz Zilberberg (2007, p. 25-26), o exercício

e o acontecimento configuram-se como grandes orientações discursivas divididas em discurso do exercício e discurso do acontecimento. O primeiro está associado ao discurso histórico, que se interessa pelas “minúcias dos exercícios e da operação”. A segunda está associada ao discurso mítico, em vista de sua relação com a surpresa e o que dela resulta.

Considerações finais

Em *Díptico da Fronteira*, do escritor venezuelano Luis Mora Ballesteros, podemos olhar como já desde seu preâmbulo, a memória do trauma que experimentaram numerosas famílias colombianas deslocadas para o eixo da fronteira colombiano-venezuelana durante os últimos 40 anos, encontrasse apresentada como programa narrativo no fragmento seguinte:

Este é um momento improvável; aquele em que afetos e memórias se espalharam por toda a costa caribenha colombiana. Acontece também que a histeria reina em Catatumbo e quem chega à Venezuela parece ter cruzado o mundo: narram o mesmo horror e descrevem as mesmas horas sombrias. Eles embarcaram em uma jornada em direção à felicidade sempre desejada; aquela porta que só pode ser alcançada passando pela dor e evitando perdas. (MORA, 2020, p.19, tradução nossa).

A partir desse segmento narrativo inicial conjecturamos que a memória é, “antes de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, ao invés de uma reconstituição fiel dele” (CANDAU, 2016, p. 9). Candau (2016, p. 141) acha que na reapropriação do passado familiar “cada indivíduo lança-se mobilizando as funções de revitalização e reflexividade. “Essa reapropriação é sempre específica e o significado que ela dá aos eventos familiares memorizados é irreduzivelmente singular, idiossincrático”.

Creemos então que o caso de *Díptico da Fronteira* notadamente a borda as memórias dos descendentes; que, em concordância com a Marianne Hirsch referida por Ribeiro (2018), corresponde propriamente à pós-memória. Isto é, à memória recebida pela geração subsequente, da qual testemunha o trauma coletivo. E julgamos que isto é assim, porque o autor do romance analisado é um dos descendentes de famílias deslocadas pela violência colombiana dos anos 1980 e, como tal, relembra as vivências do trauma histórico dos seus antecessores. Levando em consideração que os descendentes se lembram [das experiências] apenas por meio das histórias, imagens e comportamentos com os quais cresceram. Pois essas experiências foram transmitidas a eles de forma profunda e afetiva que parecem constituir suas próprias memórias (HIRSCH, 2008, p. 106-107, Apud RIBEIRO, 2018, p. 551).

Com a leitura do romance achamos também nele uma decidida vontade de seu autor para prestar homenagem aos milhares de mortos e desaparecidos durante mais de 40 anos na região fronteira colombiano-venezuelana. Conferindo assim as atrocidades de que foram vítimas como consequência da ferocidade com que agiram os distintos agentes da violência que abrangeu aos dois países vizinhos durante as décadas de oitenta do século vinte até hoje.

REFERÊNCIAS

- ARENDRT, Hanah. **Hombres em tiempo de oscuridad**. Barcelona: Editorial Gedisa, S.A., 2001.
- BARRERO C., Edgar. **De lo spájaros azules a las águilas negras. Estética de lo atroz. Psicohistoria de la Violencia política en Colombia**. Bogotá Corporación Cátedra Libre Ignacio Martín-Baró \ Asociación Latinoamericana para la Formación y la Enseñanza de la Psicología -ALFEPSI-, 2011.
- BLANCO, D. “**Prólogo**”. ZILBERBERG, C. De las formas a los valores. Lima: Fondo Editorial Universidad de Lima, 2017.
- BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003.
- CAICEDO, Daniel. **Viento seco**. Buenos Aires: Editorial Nuestra América, 1954.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. 3 reimp. São Paulo: Contexto, 2016.
- GIRÓN o. Claudia et al. **Prólogo**. De los pájaros azules a las águilas negras. Estética de lo atroz. Psicohistoria de la Violencia política en Colombia. Bogotá Corporación Cátedra Libre Ignacio Martín-Baró \ Asociación Latinoamericana para la Formación y la Enseñanza de la Psicología -ALFEPSI-, 2011.
- GREIMAS, A. J. **Da imperfeição**. São Paulo: Hacker Editores, 2002
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário desemiótica**. Trad. Alceu Dias Lima et. al. São Paulo: Contexto, 2011.
- LANDOWSKI, Erick. **Tres regímenes de sentido y de interacción**. En: Tópicos del Seminario, núm. 14, julio-diciembre, 2005, pp. 137-179.
- MORA B. Luis. **Díptico de la frontera**. Mérida (Venezuela): La Castalia, Col. Magias Parciales, 2020.
- MURETA, E. **Presentación**. De los pájaros azules a las águilas negras. Estética de lo atroz. Psicohistoria de la Violencia política en Colombia. Bogotá Corporación Cátedra Libre Ignacio Martín-Baró \ Asociación Latinoamericana para la Formación y la Enseñanza de la Psicología -ALFEPSI-, 2011.
- OSORIO, Óscar. **El escritor frente a la violencia: crónica de un viaje íntimo al corazón de las tinieblas**. Blog Aurora Boreal para amantes del español. Disponible en: <<https://www.auroraboreal.net/literatura/ensayo/2053-el-escritor-frente-a-la-violencia-cronica-de-un-viaje-intimo-al-corazon-de-las-tinieblas>> Acceso el: 29 de jul. de 2020.
- OSORIO, Óscar. **En torno a la dimensión literaria de Viento seco**. En: Acta Literaria 53 Segundo semestre 2016, pp. 111-125.
- OSORIO, Óscar. **Siete estudios sobre la novela de la violencia en Colombia, una evaluación crítica y una nueva perspectiva**. En: Poligramas, 25, 2006, pp. 85-108.
- RIBEIRO S., Karla. “O acontecimento em O gorro do Andarilho de Menalton Braff.” Recorte Revista eletrônica. UNINCOR. V. 13, N. 1 (Janeiro-Junho 2016). Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/viewFile/3030/2432>> Acesso em: 10 ag. 2020.
- ROCHA RIBEIRO, Renata. **Memória e pós-memória ditatorial em Azul corvo e Lengua madre**. ABRALIC - Associação Brasileira de Literatura Comparada - Atas do Congresso Internacional 2018 Circulação, Tramas & Sentidos, 30 de julho a 03 de agosto, 2018. Disponível em: <https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547475031.pdf>. Acesso em: 21 ag. 2020.
- ZILBERBERG, C. **Síntese da gramática tensiva**. Significação - Revista Brasileira de Semiótica. Trad. Luiz Tatit, Ivan Carlos Lopes. São Paulo, V. 33, n.25, p. 164- 204, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/significacao/articulo/view/65626/68241>> Acesso em: 12 jul. 2020.

ZILBERBERG, C. **Louvando o acontecimento**. Revista Galáxia. Trad. Maria Lucia Vissotto Paiva Diniz. São Paulo, n.13, p. 12-28, 2007.

ZILBERBERG, C. **Elementos de semiótica tensiva**. Trad. Ivan Carlos Lopes, Luiz Tatite Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

ZILBERBERG, C. **Le libertinagem comme forme de vie**. Nouveaux Actes Sémiotiques, n° 115, 2012. Disponível em: <<http://epublications.unilim.fr/revues/as/2663#ftn1>>. Acesso em: 02 set. 2020.

Artigo recebido em janeiro de 2019 e aprovado em maio de 2019